

Como citar esse artigo:

BRUCKMANN, Renata.; RANCK, Elisabeth. Cartografia Social como Abordagem Metodológica no Ensino da Cartografia no Ensino Médio. In: FERRETTI, Orlando (org.). **Artigos da disciplina estágio curricular supervisionado em geografia II**: primeiro semestre de 2017. Florianópolis: NEPEGeo; UFSC, 2017/1. Disponível em: <<http://nepegeo.ufsc.br/artigos-para-a-disciplina-estagio-supervisionado-em-geografia-ii/>>

## **CARTOGRAFIA SOCIAL COMO ABORDAGEM METODOLÓGICA NO ENSINO DA CARTOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO**

Elisabeth Ranck<sup>1</sup>  
Renata Bruckmann<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Este artigo apresenta um relato sobre as experiências com o Estágio Curricular Supervisionado de Licenciatura em Geografia, realizado em dupla no primeiro semestre de 2017 no colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com estudantes do primeiro ano do ensino médio. Com a finalidade de contrapor o ensino da cartografia tradicional, este trabalho objetiva dialogar sobre o ensino de cartografia utilizando a cartografia social como abordagem metodológica para explicitar a relação de poder que existem nos mapas e como o mapeamento participativo é um potencial instrumento de contestação.

**Palavras-chave:** Estágio Supervisionado. Cartografia. Cartografia Social.

---

<sup>1</sup> Graduanda em bacharel e licenciatura em Geografia (UFSC), e-mail: [elisabeth.ranck@grad.ufsc.br](mailto:elisabeth.ranck@grad.ufsc.br)

<sup>2</sup> Graduanda em bacharel e licenciatura em Geografia (UFSC), e-mail: [renatabruckmann@hotmail.com](mailto:renatabruckmann@hotmail.com)

## 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo foi produzido a partir das experiências pedagógicas vivenciadas no âmbito do Estágio Curricular Supervisionado de Licenciatura em Geografia II, disciplina oferecida pelo departamento de Metodologia de Ensino da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e foi realizada em seu Colégio de Aplicação. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB - (BRASIL, 1996), o Estágio Supervisionado em Ensino é obrigatório nos cursos de licenciatura, sendo uma atividade de aprendizagem de caráter experimental, no qual proporciona a aproximação da teoria com a prática e ajuda a desenvolver habilidades didático-pedagógicas, sendo uma etapa importante para a formação profissional do formando.

O estágio foi realizado no primeiro semestre de 2017, passando por um período de observação e reconhecimento da turma, e em um segundo momento de prática e intervenção, com a turma 1ºD do Ensino Médio, com a orientação na escola da Profª. Dra. Sandra Mendonça, Profª. Drª. Raphaela Desidério e com orientação acadêmica do Prof. Dr. Orlando Ferretti.

O reconhecimento da turma foi e é fundamental para que pudéssemos planejar o projeto de intervenção, escolher os conteúdos, a metodologia e estratégias necessárias para desenvolver o processo ensino-aprendizagem de forma qualitativa. Apontamos para a perspectiva de respeitar as individualidades dos estudantes, entendendo que estas possuem e se desenvolvem a partir de diferentes histórias e culturas, o que conseqüentemente interfere no tempo necessário para sua aproximação com o conteúdo trabalhado e todas as relações envolvidas no processo de escolarização. Portanto, consideramos que a etapa de observação, nesse formato de estágio é importante e única.

Seguindo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o ensino médio, o plano de ensino (Anexo 01) objetivou trabalhar com o conteúdo de Cartografia no primeiro trimestre. Seguindo esta orientação, buscamos trabalhar a ciência cartográfica de uma forma crítica e participativa, demonstrando a ausência de neutralidade na confecção e uso dos mapas e a sua importância para a explanação das diversas narrativas espaciais. Destarte, a abordagem sobre a Cartografia Social, foi planejada com a finalidade de apresentar uma

ferramenta para a construção de mapeamentos coletivos que contribuam com as demandas sociais de grupos não hegemônicos (FERNANDES, 2016, p.34).

Ao final deste escrito, expomos o relato das experiências do estágio com o intuito de deixar sugestões que podem ser levadas a sala de aula, promovendo metodologias não tradicionais no ensino de cartografia nas escolas.

## **2. PRESSUPOSTO TEÓRICO**

Para respaldar nossas reflexões, buscamos analisar através da ótica de uma geografia crítica, que pressupõe a utilização de elementos de análise marxista. Nos apoiamos em uma leitura conjuntural da sociedade vivenciada e seus reflexos na escola.

Entendemos que

A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, mestre de corporação e companheiro, em suma, opressores e oprimidos, em constante oposição uns aos outros [...] (MARX e ENGELS, 1848).

Portanto, de uma forma ampla e complexa, dialogamos sobre o meio em que a escola está inserida. Hoje, a escola e as demais instituições de ensino são uma forma de representação dessa classe dominante, que obriga a reprodução da estrutura e de valores que são característicos do atual sistema de produção de vida. Frente a tudo isso, a escola e a forma de ensino-aprendizagem se torna uma ferramenta muito importante como método de resistência, pautando conteúdos não meramente práticos e reprodutivos, mas que relacionem a realidade do estudante para com o cotidiano escolar. E é a partir desse contexto e dessa reflexão que construímos o planejamento das aulas, amparadas por uma fundamentação teórica que dê respostas e coloque professores e estudantes enquanto sujeitos deste cenário.

Para trabalhar de acordo com o sub conteúdo proposto - Cartografia Social - aqui concebida como uma corrente teórica e metodológica, utilizamos os pressupostos da Geografia Cultural, pois possibilita elaborar mapas de significados que ampliem o escopo da cartografia geográfica, evitando limitar as representações com base em dados estatísticos, podendo incluir também representações gráficas de tudo aquilo que é “lembrado, imaginado e

contemplado” (CORRÊA, 2009, p.3). Diante deste escopo, trabalhamos com a ideia das percepções que os indivíduos e os grupos têm do espaço, abordando questões de territorialidades<sup>3</sup>, comunidades e culturas tradicionais.

### **3. METODOLOGIA**

A metodologia contou com a realização de reconhecimento da turma durante o período de observação e intervenção; diagnóstico e caracterização da escola, com contextos históricos e suas atribuições, bem como toda sua funcionalidade e estrutura, para entendermos amplamente o contexto escolar em que está posto. Além disso, foi feito um levantamento bibliográfico de trabalhos sobre cartografia e cartografia social; aplicação de um questionário para que pudéssemos conhecer de maneira mais aprofundada algumas questões que não estão expostas no cotidiano escolar.

Para o planejamento das aulas e a análise e interpretação das atividades, foram realizados encontros semanais entre as estagiárias. As reuniões com as professoras e o orientador do estágio também auxiliou nesse processo através de discussão e avaliação das intervenções.

### **4. CONJUNTURA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA**

O estágio supervisionado ocorreu com a turma 1ºD do Ensino Médio e é composta por 24 estudantes, no período matutino, com três aulas semanais de Geografia, duas na quarta-feira (das 8h50 até 10h10) e uma na sexta-feira (11h35 às 12h15). Além disso, eram realizados um encontro semanal entre as estagiárias para planejar e construir o plano de aula. Bem como encontros com o professor orientador e a professora supervisora para avaliação da aula dada e orientações futuras.

Assim como é necessário fazer uma análise conjuntural da sociedade em que estamos inseridos, entender a concepção teórica do trabalho, necessita, também, uma breve análise do contexto escolar e da turma em que o estágio foi desenvolvido, afinal, toda atividade teve um

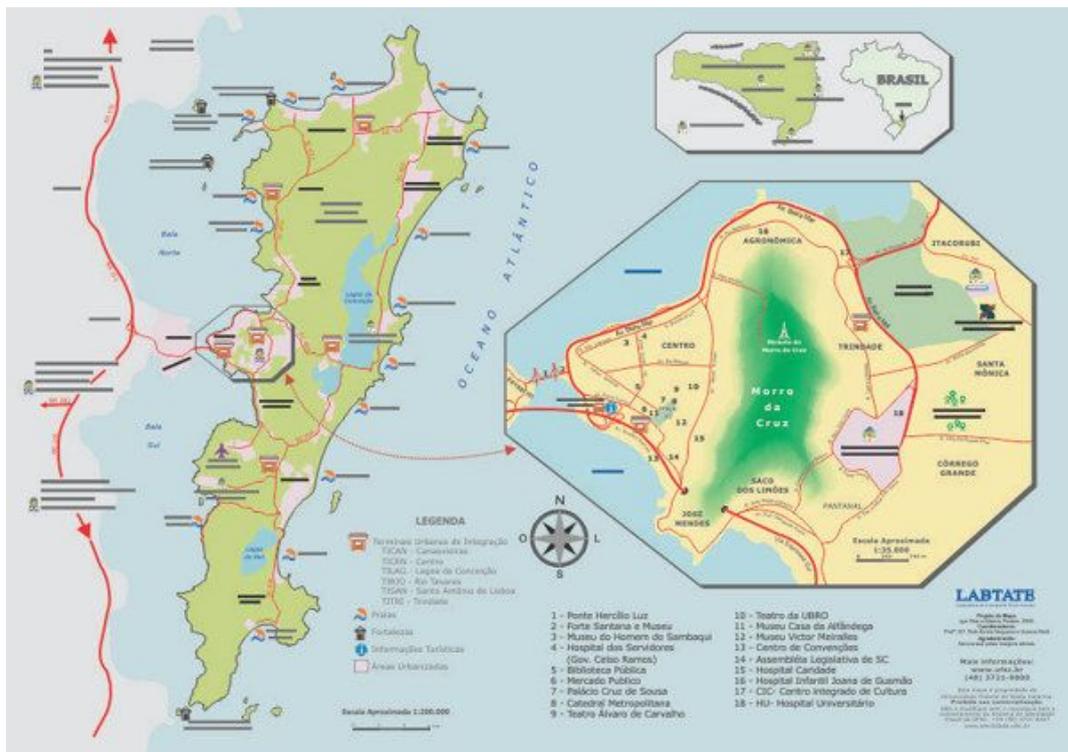
---

<sup>3</sup> Trata do “(...) modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar” (HAESBAERT 2005, p. 6776).

planejamento pensado e organizado antes. Muito de nossas propostas surgiram a partir do que estava disponível pela escola, como a própria estrutura e organização, além dos materiais e computadores. Outro objeto de estudo foi a turma, que também favoreceu para o desenvolvimento completo do estágio, uma vez que nos ajudaram a ensinar, mas muito a aprender também.

#### 4.1 OS COLÉGIOS DE APLICAÇÃO

O estágio supervisionado foi realizado no Colégio de Aplicação (CA) (Figura 1), que está localizado no Campus Reitor João David Ferreira Lima da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), situado no Bairro Trindade, no município de Florianópolis.



**Figura 1** - Localização Colégio de Aplicação UFSC. Fonte: LABTATE.<sup>4</sup>

Para caracterizar o CA, buscamos através de pesquisas bibliográficas, contextualizá-lo em âmbito nacional. Nesse sentido, os Colégios de Aplicação surgem pelo decreto-lei nº 9.053 de 12/03/46 que determinava que as Faculdades de Filosofia Federais tivessem um ginásio de aplicação destinado à prática docente. Os colégios de aplicação

<sup>4</sup> Disponível em: [http://150.162.1.152/paginas/mapa\\_ufsc.php](http://150.162.1.152/paginas/mapa_ufsc.php). Acesso 04 jun 2017.

[...] foram criados com o objetivo de proporcionar um lugar onde os futuros professores pudessem entrar em contato com o cotidiano escolar, preparando-os para a sua atuação profissional. Nesse sentido, os colégios de aplicação se constituiriam em um espaço destinado às pesquisas pedagógicas e aprimoramento docente, com o objetivo de contribuir para a aquisição do conhecimento científico no processo de ensino e aprendizagem. (SILVA, 2014, p.9)

Atualmente existem 17 colégios de aplicação vinculados à 16 universidades federais e apenas uma estadual no Brasil. As condições de trabalho do servidores técnicos e professores está acima da média em relação à outras instituições públicas de educação básica.

Segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP)<sup>5</sup> do CA UFSC, o colégio foi criado em 1961, quando ainda era chamado de Ginásio de Aplicação, com o objetivo de servir aos estudantes dos cursos de Didática da Faculdade Catarinense de Filosofia – FCF, e servia como campo de estágio para a prática docente desses. Somente em 1980, foram acrescentados o Ensino Fundamental e Ensino Médio, até então os e as estudantes frequentadores do colégio eram filhos de professores e servidores técnico-administrativos da própria Universidade. Posteriormente o ingresso passou a ser aberto à comunidade através de sorteio.

O CA possui uma infraestrutura adequada para a utilização dos estudantes bem como para a adaptação de portadores de necessidades especiais, que abrange desde cadeirantes até pessoas com deficiência visual. Logo ao entrar na escola, já se depara com estrutura ampla, dividida em blocos:

---

<sup>5</sup> A primeira versão do PPP foi concluída e implementada em 2003. A partir de 2004 inicia-se um processo de revisão e atualização deste documento, considerando, inclusive, as mudanças na legislação. Esta versão é o resultado da incorporação das mudanças e atualizações feitas pela escola, em reuniões gerais, de 2004 até 2011.

**Quadro 1** - Organização dos blocos do Colégio de Aplicação da UFSC.

<b>Bloco</b>	<b>Função</b>
bloco A	Setor administrativo do Colégio de Aplicação e os Anos Iniciais;
bloco B	Biblioteca, a Brinquedoteca, salas de Recuperação de Estudos, salas de projetos;
bloco C	Laboratórios de Química, Física, Biologia, salas ambiente de Matemática, Geografia e Ciências (Piso Térreo); Laboratórios de Informática e Línguas Estrangeiras; salas de aula de Inglês, Espanhol, Alemão e Francês ((1º andar) e salas de estudos dos professores (2º andar);
bloco D	Segmento dos Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Fonte: Projeto Político Pedagógico. Produzido por: Renata Bruckmann (2017).

Ainda segundo o PPP, o Colégio oferece aproximadamente 38 turmas divididas em 15 para os anos iniciais, 12 anos finais e 11 para o ensino médio, além das atividades de contraturno a partir dos anos finais, sendo que cada turma recebe em média 35 alunos e conta com 115 professores sendo que deste são 16 substitutos e 99 efetivos, contando com 5 professores de Geografia, bem como com 33 servidores técnico administrativo para auxílio e manutenção interna. Há também órgãos representativos como a APP - Associação de Pais e Professores - que contém um estatuto interno e o Grêmio Estudantil, organização representativa dos estudantes.

#### **4.2 A TURMA**

Percebemos bastante integração entre os estudantes, que demonstraram boa desenvoltura em trabalhos coletivos. Constatamos através do questionário aplicado (apêndice 1) que a maioria dos estudantes estão há mais de 2 anos na mesma escola. Além desse dado, a idade deles varia entre 14 a 17 anos.

Durante a participação em sala de aula, tanto na observação quanto na intervenção, a turma de maneira geral foi bem participativa. Os alunos cumpriram os prazos de entrega de trabalhos e desempenharam atitudes proativas em sala de aula. É consenso entre os professores que é uma turma tranquila de se trabalhar, visto a avaliação em comum no

conselho de classe participativo da turma, realizado no dia 10/05/2017, do qual participamos. Desde o início a turma se mostrou receptiva e aberta às estagiárias.

## **5. PROJETO DE INTERVENÇÃO: CARTOGRAFIA E CARTOGRAFIA SOCIAL**

Como afirma Pontuschka et al. (2009), no Brasil, a centralização e descentralização dos conteúdos e diretrizes curriculares pelo Estado flutua constantemente desde o século 19. Em 1996, através da Lei nº 9.394, consolida a Lei de Diretrizes de Base (LDB), que aplica uma referência legal da organização do sistema educacional brasileiro, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio.

Sem levantar os avanços e retrocessos desse documento, é importante ressaltar que é através da LDB que são divididos os objetivos, habilidades e competência, bem como o papel do corpo docente, além de indicar conceitos e saberes para o ensino das ditas Ciências Humanas e da Natureza, sobretudo, é o documento que proporciona orientações curriculares gerais.

O conteúdo trabalhado com o primeiro ano do ensino médio é orientado através dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que define o objetivo da Geografia, no qual é

[...] localizar, compreender e atuar no mundo complexo, problematizar a realidade, formular proposições, reconhecer as dinâmicas existentes no espaço geográfico, pensar e atuar criticamente em sua realidade tendo em vista a sua transformação. (PCN, 2006)

Trabalhar com o conteúdo de cartografia dentro de uma perspectiva crítica foi desafiador, pois nos provocou a obter novos elementos teóricos e metodológicos para as intervenções, nas quais buscamos elucidar os mapas como instrumentos poderosos, afinal, como afirma Pontuschka et al. (2009), os mapas e a história da Cartografia servem para encantar o imaginário das pessoas pelo mundo mas, servem também, segundo Lacoste, (1988), em primeiro lugar, para fazer a guerra.

Para a abordagem da cartografia na escola, não se pode desvincular o debate de que os mapas são grandes instrumentos de poder e representam visões de mundo de acordo com a autoria. São expressos valores culturais, sociais, políticos e geoeconômico a partir de um ou

muitos pontos de vista e isso permeou o debate em sala de aula durante o período de intervenção.

A escolha da cartografia social como metodologia para explicar esta relação, surgiu a partir de leituras dirigidas e conversas com nosso orientador de estágio e colegas durante os encontros com a turma da disciplina de *Estágio Curricular Supervisionado de Licenciatura em Geografia II*. Essa metodologia foi bem sucedida, tendo em vista que a Cartografia Social busca uma proposta de mapeamento para a resolução de demandas da sociedade.

## 5.1 MAPAS COMO INSTRUMENTO DE PODER

Para entender a cartografia é necessário um amplo e complexo debate. Ela por si só não se explica e não acaba, pois além de ter sido reconceituada várias vezes, ainda é debatida no campo científico. Não queremos aqui explicar a cartografia em sua totalidade, mas pretendemos dialogar sobre a história da cartografia e as relações de poder que esse conteúdo traz consigo.

Mas afinal, o que é a cartografia? A representação do espaço sempre esteve presente na humanidade e mapear seria tão quanto ou mais antigo do que a própria escrita (FERNANDES, 2016, p.33). Seu vocábulo, que etimologicamente significa “descrição das cartas”, foi introduzido em 1839 pelo segundo Visconde de Santarém<sup>6</sup>, o conceito inicial continha a idéia de “traçados de mapas”, posteriormente o vocábulo passou a significar “a arte do traçado de mapas” e em um terceiro momento continha “a ciência, a técnica e a arte de representar a superfície terrestre” (IBGE, 1996).

Em 1966, a Associação Cartográfica Internacional estabeleceu um conceito que posteriormente foi ratificado pela Organização das Nações Unidas para a Educação e Cultura (UNESCO), sendo cartografia: “Conjunto de estudos e operações científicas, técnicas e artísticas que, tendo por base o resultado de observações diretas ou da análise da documentação, se voltam para a elaboração de mapas, cartas e outras formas de expressão e

---

<sup>6</sup> Manuel Francisco de Barros e Sousa de Mesquita de Macedo Leitão e Carvalhosa (1791 - 1856), Foi um historiador, diplomata e estadista português que se notabilizou como estudioso da antiga cartografia (termo que criou) e como historiador dos descobrimentos portugueses (PROTÁSIO, 2014).

representação de objetos, fenômenos e ambientes físicos e socioeconômicos, bem como sua utilização” (IDEM, p.12).

Nem sempre a representação cartográfica reflete o espaço real. Sua intencionalidade pode refletir de maneira que ilumine a realidade de determinados fatos e esconda outros. Podendo, por exemplo, ser uma ferramenta de controle territorial ou ser utilizada a serviço de interesses privados.

Foram os mapas que abriram caminho para que se considerasse o espaço como algo disponível (FERNANDES, 2016). Segundo Harvey, *apud* (IDEM, 2016) “a precisão da navegação, a determinação dos direitos de propriedade da terra, as fronteiras políticas, os direitos de passagem e de transporte, etc; passaram a ser um imperativo econômico e político”.

Frente a afirmativa de que o mapa é um instrumento poderoso, buscamos trabalhar com uma perspectiva de mapeamento diferenciada do mapeamento convencional. Nesse sentido, escolhemos utilizar a cartografia social para trabalhar as inquietudes, perspectivas e percepções dos alunos sobre seu espaço habitado e suas relações com o meio.

### **5.1.2 A CARTOGRAFIA SOCIAL**

A cartografia social vem na contramão da cartografia dita tradicional, surgindo com uma nova forma de abordar cartografia, sendo um instrumento que tem como finalidade incluir elementos capazes de demonstrar fenômenos sociais a partir da percepção do espaço pela própria comunidade, fator que na maioria das vezes não faz parte do objeto da cartografia tradicional.

Iniciativas de mapeamento que se propõem a incluir populações locais nos processos de produção de mapas disseminaram-se mundialmente desde os anos 1990 (ACSELRAD E COLI, 2008). Através de entrevista para o site Mobilizadores, Adryane Gorayeb e Jeovah Meireles, da Universidade Federal do Ceará (UFC), afirmam que os primeiros estudos de mapeamento participativo surgiu no Canadá, na década de 1970, através de um projeto desenvolvido com os Esquimós, pelo Uso e Ocupação de Terras. Já no Brasil, o conceito de

cartografia social surge na década de 90, com o Prof. Alfredo Wagner coordenando o Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia.<sup>7</sup>

Sua instrumentalização é uma forma de reafirmação de direitos territoriais daquelas comunidades que antes não tinham como afirmar-se em seu território ancestral, sendo que o mapa produzido, é um documento que pode ser utilizado para o reconhecimento de novas territorialidades e também, para denunciar conflitos socioambientais.

Ela tem em seu cerne o “Mapeamento Participativo”, pois o mapa é construído coletivamente pelos sujeitos que protagonizam no território. Essa prática pode vir a resultar não somente na afirmação de novas territorialidades como também na organização de políticas de ordenamento territorial como o Plano Diretor participativo<sup>8</sup>.

A utilização de técnicas de mapeamento participativo produz mapas contra-hegemônicos, que prevê, evidentemente, um contexto de conflito a ser mapeado (FERNANDES, 2016).

## **6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Nesta seção buscamos descrever sobre as atividades que consideramos importantes no processo de ensino sobre cartografia bem como as abordagens sobre a cartografia social realizadas durante o processo de observação e intervenção do estágio supervisionado.

Desde o início do trimestre, quando o estágio não havia entrado em vigência, a professora Sandra já havia trabalhado com a turma questões de localização e orientação, aplicando atividades com croquis e mapas. Consideramos importante ressaltar as primeiras atividades de cartografia realizadas com os alunos, visto que deram um bom embasamento teórico e prático para seguirmos com o conteúdo durante o processo de intervenção.

Na primeira atividade os estudantes receberam um mapa da Ilha de Santa Catarina, localizaram nele suas casas e escreveram uma breve reflexão sobre sua relação com a cidade. Essa atividade, depois de corrigida pelas estagiárias, chamou atenção pelas respostas curtas e

---

<sup>7</sup> Trata do “ (...) projeto desenvolvido a partir de 2004, com financiamento da Fundação Ford, o projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil, que, no que se refere à região amazônica, assume o nome de Nova Cartografia Social da Amazônia.” (ACSELRAD E COLI, 2008, p.33)

<sup>8</sup>Ver Estatuto da Cidade - Lei no 10.257, 2001.

com pouca desenvoltura crítica sobre a cidade. Alguns romantizam as respostas, colocando Florianópolis como uma cidade linda, remetendo às praias e a sua beleza natural. Outros simplesmente colocaram aspectos negativos sobre a falta de infraestrutura e trânsito.

A segunda atividade que nos chamou atenção, foi pedir croquis a partir de três visões: 1. um desenho do Colégio de Aplicação visto na horizontal; 2. um desenho também do Colégio, porém, na visão vertical; 3. um desenho de um lugar qualquer, de preferência na Ilha de Santa Catarina, que eles tivessem alguma afinidade. Essa atividade foi retomada duas vezes em sala de aula posteriormente.

Ao decorrer do trimestre e já sob nossa regência, diversas atividades foram propostas à turma, todas bem aceitas e cooperada por eles. Para dar continuidade ao conteúdo de cartografia, afinal, o estágio tem um plano de ensino a cumprir, foi desenvolvido temas e trabalhos sobre: história da cartografia e convenções cartográficas; projeções cartográficas; escalas cartográficas (Figura 2); trabalho anual, que tem como tema "O município de Florianópolis: dos impactos sociais e ambientais.", compreendendo e refletindo sobre a cidade;



**Figura 2** - Estudantes em atividade sobre escalas cartográficas. Fonte: Sandra Mendonça.

Dando continuidade ao conteúdo, foi introduzido a proposta de trabalho sobre cartografia social juntamente com a caracterização de croqui e plantas. Primeiramente, foi realizada uma exposição de slides com conceitos e imagens, exemplificado o processo dessa

nova ferramenta, além de expor as diferenças entre cartografia tradicional e cartografia social (figura 3).



**Figura 3** - Exemplo de slide trazendo a diferença entre as Cartografias. Fonte: Autoras.

Para elucidar o conteúdo, abordamos os conceitos de comunidade tradicional e minorias e trouxemos exemplos de cartografia social no Brasil e no mundo. Como atividade proposta, a turma foi separada em quatro grandes grupos para elaborarem coletivamente um croqui da escola (figura 4) com foco no que eles achavam mais relevante no colégio, entendendo que esse era o meio mais comum de conhecimento de todos os participantes. Fornecemos papel pardo e canetas coloridas.

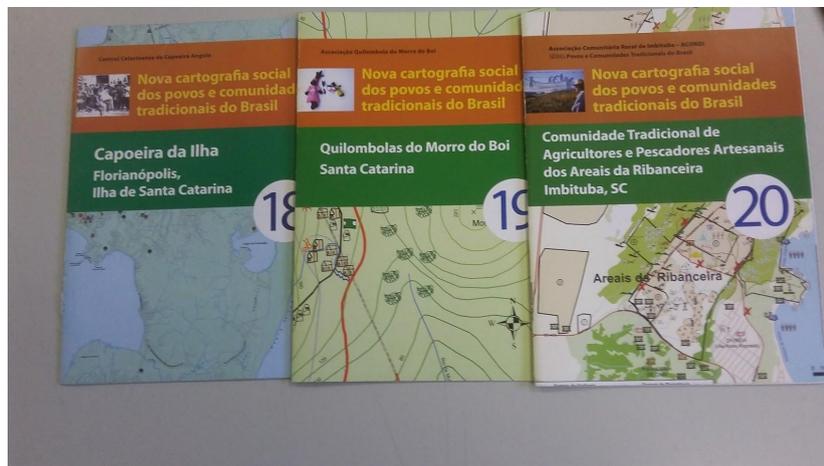


**Figura 4** - Croqui do colégio de aplicação realizado por um grupo de alunos do 1ºD. Fonte: Elisabeth Ranck.

A finalidade desta proposta, foi que os alunos desenhassem no croqui elementos que julgassem importantes, partindo de uma visão individual e coletiva. O desafio foi trabalhar em grupo e realizar uma construção democrática do croqui. Durante o trabalho, buscamos orientá-los no processo participativo, enfatizando que a cartografia social é um processo coletivo, e por isso é demorado e exige saber ouvir o próximo. O prazo de entrega foi de dois dias, mas alguns grupos entregaram após uma semana.

A avaliação dessa atividade é que a maioria dos grupos buscou desenhar uma cópia da planta da escola, ignorando os fatores de maior significância do olhar próprio e do coletivo. Foi concluído que faltou tempo para a realização deste trabalho, tendo em vista que o mapeamento participativo é um processo que demanda muitos encontros e discussões para se chegar em um consenso.

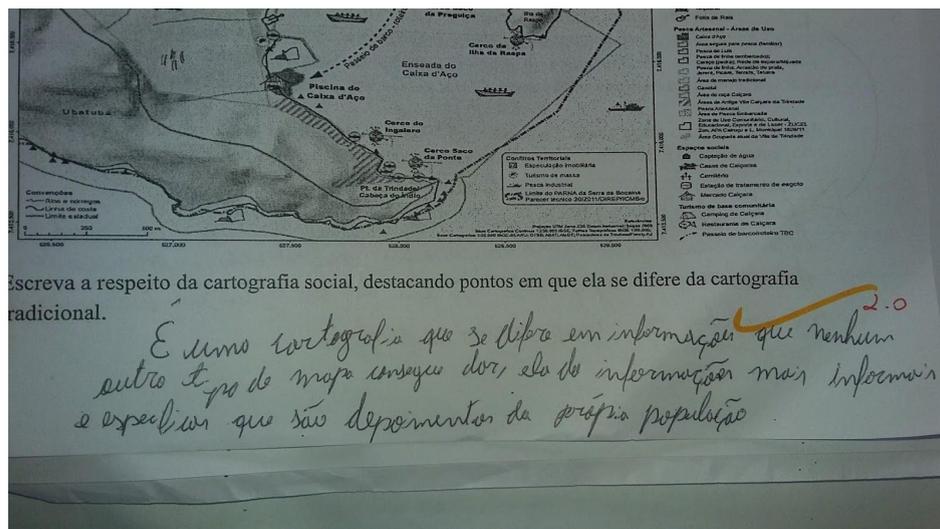
Voltamos a trabalhar a cartografia social na aula de revisão para a reavaliação trimestral. No final da aula, realizamos um círculo com os alunos e abrimos a discussão sobre a temática, expondo três fascículos (Figura 5) sobre mapeamento participativo em Santa Catarina, publicações feita pelo projeto “Nova cartografia social dos povos e comunidades tradicionais do Brasil”.



**Figura 5** - Exemplos de fascículos sobre cartografia social construídos em Santa Catarina - acervo do Laboratório de Geografia do CA. Fonte: Elisabeth Ranck.

A utilização dos fascículos possibilitou trazer exemplos concretos de cartografia social, mostrando a construção de mapas através do mapeamento participativo. Esta atividade refletiu na prova de reavaliação, realizada por 11 alunos, pois as respostas da questão

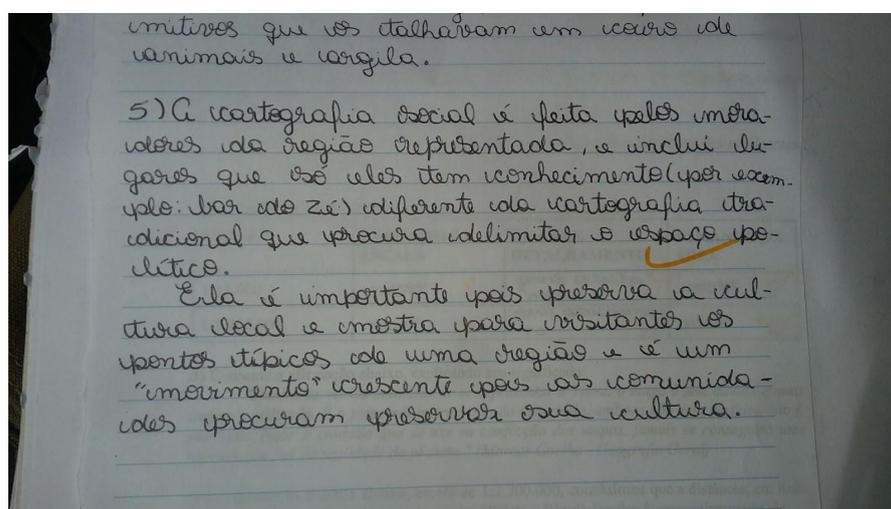
dissertativa sobre cartografia social que pedia para diferenciá-la da cartografia tradicional, foram, de maneira geral, satisfatórias, coerentes com o que foi trabalhado em sala. como nos exemplos (figura 6 e 7):



**Figura 6** - Resposta da questão sobre cartografia social. Fonte: Elisabeth Ranck.

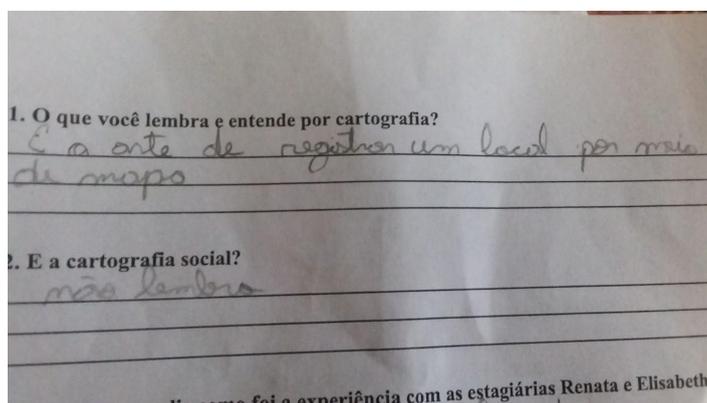
Conforme a figura 6, o aluno responde que as informações expostas pela cartografia social são mais informais e específicas e que partem de depoimentos da própria população do lugar. A afirmativa do aluno demonstra que o processo de construção da cartografia social passa por compreensões idiossincráticas, diferente de outros mapas.

Nesta outra resposta (Figura 7), o aluno também expõe a importância da cartografia social para o registro e a preservação da cultura.

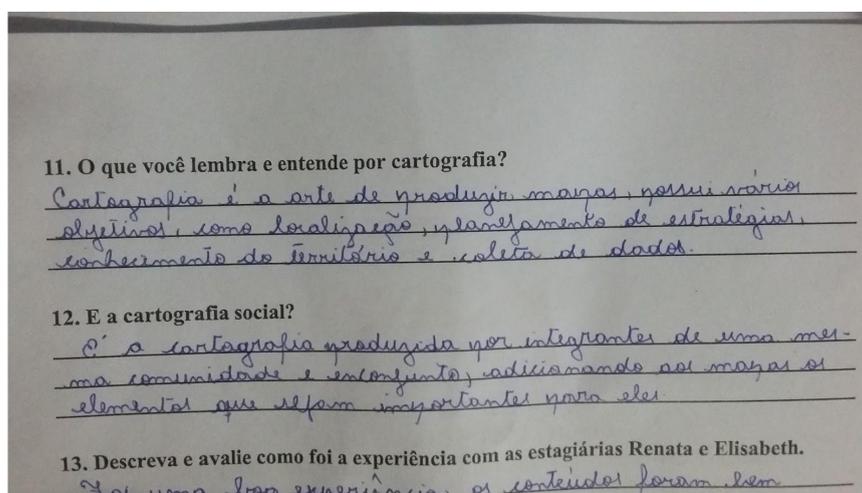


**Figura 7** - Resposta da questão sobre cartografia social. Fonte: Elisabeth Ranck.

Após algumas semanas do término das intervenções, voltamos para sala de aula aplicar o questionário para levantar dados da turma, atividade não avaliativa que reuniu algumas questões pessoais e também sobre cartografia (Figura 8 e 9). Participaram da atividade 21 alunos, o tempo de resposta foi na média de 15 minutos. Na questão sobre cartografia social 6 alunos não souberam responder ou deixaram em branco, 5 alunos responderam mas não acertaram e 10 alunos demonstraram boa compreensão na resposta.



**Figura 8** - respostas sobre cartografia do questionário não avaliativo. O aluno diz não lembrar do conteúdo de cartografia social. Fonte: Elisabeth Ranck.



**Figura 9** - Respostas sobre cartografia do questionário não avaliativo. O aluno lembra e demonstra uma boa compreensão sobre o assunto. Fonte: Elisabeth Ranck.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização da cartografia social como metodologia no ensino da cartografia pode vir auxiliar na aprendizagem de que há uma relação de poder na elaboração e uso dos mapas, pois a perspectiva de construção de mapa, ou qualquer que seja a forma cartográfica de representação, perpassa o controle político de hegemonia econômica e social.

Além disso, abre a possibilidade de despertar nos alunos a percepção de que eles são sujeitos protagonistas do espaço. Tentamos, através da construção do croqui da escola, colocar para os estudantes essa outra realidade de construção de mapa. Uma construção que condiz com a realidade e que é feita a partir das demandas do coletivo.

Ademais, o processo de sensibilização sobre a cartografia social foi enriquecedor tanto para os alunos quanto para nós. Nas primeiras exposições de slides sobre o conteúdo, questões como "o que são comunidades tradicionais?" ou "pra que e pra quem serve a cartografia?" traziam à turma novos horizontes de pensar a cartografia. A análise de nossas intervenções possibilitou refletir sobre como aprimorar os procedimentos metodológicos para as futuras práticas de ensino da cartografia.

## REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri. Introdução. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Cartografias Sociais Território**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2008 (Coleção Território, Ambiente e Conflitos Sociais, 1).

ARAUJO, Eliane. **A cartografia social vem se consolidando com instrumento de defesa de direitos**. 2014. Disponível em: <<http://www.mobilizadores.org.br/entrevistas/cartografia-social-vem-se-consolidando-com-instrumento-de-defesa-de-direitos/>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional. LDB 9.394/96**. Brasília : Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 1997a.

BRASIL. **Lei no 10.257, de 10 de julho de 2001. Estatuto da Cidade e Legislação Correlata**. 2. ed., atual. Brasília : Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2002. 80 p. I

COLÉGIO DE APLICAÇÃO. **Projeto político-pedagógico do colégio de aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina – versão resumida**. Versão resultante da incorporação de mudanças e atualizações (realizadas pela escola em reuniões gerais de 2004 até 2011). 2012.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Sobre a Geografia Cultural**. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, [s. L.], p.1-9, 16 nov. 2009. Disponível em: <[http://ihgrgs.org.br/artigos/contibuicoes/Roberto\\_Lobato\\_Corrêa - Sobre a Geografia Cultural.pdf](http://ihgrgs.org.br/artigos/contibuicoes/Roberto_Lobato_Corrêa_-_Sobre_a_Geografia_Cultural.pdf)>. Acesso em: 27 jun. 2017.

DIVERSOS. **Definições de Cartografia**. Disponível em: <[http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/textos/texto\\_1.htm](http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/textos/texto_1.htm)>. Acesso em: 14 abr. 2017.

FERNANDES, W.O. **Mapas: Entre narrativas pela dominação e dissertativas pela contestação**. 2016. 141f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

HAESBAERT, Rogério. **Da desterritorialização à multiterritorialidade**. In: Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. São Paulo, Universidade de São Paulo, março de 2005. Disponível em: <[http://www.planificacion.geoamerica.org/textos/haesbaert\\_multi.pdf](http://www.planificacion.geoamerica.org/textos/haesbaert_multi.pdf)>. Acesso em: 27 de Junho de 2017. p. 6774-6792.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **MANUAIS TÉCNICOS EM GEOCIÊNCIA: Noções Básicas de Cartografia/ Departamento de Cartografia**. 8 ed. Rio de Janeiro: Ibge, 1999. 130 p. Disponível em: <[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS - RJ/ManuaisdeGeociencias/Nocoebasicasdecartografia.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS_RJ/ManuaisdeGeociencias/Nocoebasicasdecartografia.pdf)>. Acesso em: 04 jul. 2017.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MEC. **Ciências humanas e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica**. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 133 p. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 3)

PONTUSCHKA, N. N; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2009. - (Coleção docência em formação. Série ensino fundamental)

PROTÁSIO, Daniel Estudante. **O 2º Visconde de Santarém, a tradição portuguesa de estudos geográficos e cartográficos e a Sociedade de Geografia de Lisboa (1903- 1909)**. Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, Lisboa, p.1-12, 13 fev. 2014. Disponível em: <[http://www.socgeografialisboa.pt/wp/wp-content/uploads/2010/01/O-2º-visconde-de-Santarém-a-tradição-de-estudos-geográficos-e-a-SGL\\_1903\\_1909.pdf](http://www.socgeografialisboa.pt/wp/wp-content/uploads/2010/01/O-2º-visconde-de-Santarém-a-tradição-de-estudos-geográficos-e-a-SGL_1903_1909.pdf)>. Acesso em: 04 jul. 2017.

SILVA, Rosiane Machado da. **O estado do conhecimento sobre os colégios de aplicação do Brasil de 1987-2013 na história da educação**. Reunião Científica Regional da Anped, Florianópolis, p.1-20, out. 2014. Disponível em: <[http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq\\_pdf/265-0.pdf](http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/265-0.pdf)>. Acesso em: 20 jan. 2017.

## 8. APÊNDICES

### 8.1 Questionário



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**COLÉGIO DE APLICAÇÃO**  
**DISCIPLINA DE GEOGRAFIA**  
Estágio Curricular: Supervisionado de Licenciatura em Geografia 2  
**QUESTIONÁRIO DE RECONHECIMENTO TURMA 1ºD**

1. Nome: \_\_\_\_\_
2. Idade: \_\_\_\_\_
3. Há quanto tempo estuda do CA? \_\_\_\_\_
4. Bairro onde mora: \_\_\_\_\_
  
5. Você pretende continuar os estudos após a escola? Se sim, em qual área?  
( ) Humanas      ( ) Exatas      ( ) Biológicas      ( ) Outros. Qual? \_\_\_\_\_
  
6. Na sua opinião, a principal qualidade de um bom professor é? Marque em ordem de importância.  
( ) Dar nota   ( ) Não faltar   ( ) Explicar bem   ( ) Dominar a matéria   ( ) Ser exigente  
( ) Utilizar metodologias diversas   ( ) Outros. Qual?
  
7. Qual meio de transporte usado para vir à escola?  
( ) A pé      ( ) Bike      ( ) Carro      ( ) Ônibus      ( ) Transporte escolar      ( ) Outro. Qual?
  
8. O que você mais gosta na Geografia? O que menos gosta?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
  
10. Como você acha que a escola deveria ser?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**11. O que você lembra e entende por cartografia?**

---

---

---

**12. E a cartografia social?**

---

---

---

**13. Descreva e avalie como foi a experiência com as estagiárias Renata e Elisabeth.**

---

---

---

---

---

## 9. ANEXOS

### 9.1 Plano de Ensino



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS EDUCAÇÃO  
COLÉGIO DE APLICAÇÃO



#### PLANO DE ENSINO

DISCIPLINA: GEOGRAFIA  
TURMA: 1ª SÉRIE – ENSINO MÉDIO

#### OBJETIVO DA SÉRIE:

Desenvolver no aluno o interesse pela pesquisa, para que possa construir o conhecimento a partir da busca, da procura e da descoberta.

#### Iª UNIDADE.

OBJETIVOS: 1. Instrumentalizar o educando com recursos que lhe permitam o conhecimento do espaço e;

2. Possibilitar subsídios para a leitura, interpretação e análise da realidade que os cerca. Recursos Geográficos:
  1. Cartografia: 1.1 convenções, escala (gráfica e numérica).
    - 1.2 mapas (político, físico, humano e econômico)
    - 1.3 plantas
    - 1.4 croquis
    - 1.5 maquetes
  2. Gráficos e tabelas:
    - 1.1 gráfico linear
    - 1.2 gráfico de barra
    - 1.3 gráfico circular

#### IIª UNIDADE.

- OBJETIVOS: 1. Identificar os diversos aspectos da paisagem natural catarinense;
2. Caracterizar os diversos grupos que formam a população catarinense bem como as atividades econômicas por eles dinamizadas na sua relação com o meio ambiente;
  3. Analisar as mudanças ocorridas no espaço geográfico catarinense a partir das atividades econômicas;
  4. Proporcionar, com as áreas afins, a discussão dos problemas da realidade catarinense;
  5. Efetuar entrevistas com especialistas que tragam respostas a questionamentos sobre a realidade catarinense;
  6. Aprofundar um estudo bibliográfico que dê embasamento o qual permita posteriormente a realização de uma viagem de estudos.

Estudo da Paisagem Geográfica Catarinense

1. A paisagem natural modificada pelo homem
  - 1.1 o quadro natural original
2. A organização do espaço catarinense
  - 2.1 as diferentes paisagens geográficas
3. O espaço catarinense no contexto nacional

#### IIIª UNIDADE.

- OBJETIVOS: 1. Listar os aspectos que caracterizam o que entra e o que sai da cidade;
2. Levantar dados em órgãos públicos sobre o objeto em estudo;
  3. Efetuar entrevistas com políticos, especialistas e pessoas idosas sobre a problemática em questão;
  4. Elaborar um trabalho conclusivo sobre o metabolismo urbano de Florianópolis.

#### Estudo de Caso: A Ilha de Santa Catarina

1. o metabolismo urbano de Florianópolis
  - 1.1. o que entra na cidade
  - 1.2. o que sai da cidade

2. a questão ambiental e turismo

Metodologia:

Esta unidade será estudada no último bimestre na forma de Estudo de Caso como explicitado abaixo:

1. trazer palestrantes em diferentes áreas
2. os alunos deverão visitar as seguintes instituições para levantamento de dados:
  - Secretaria de desenvolvimento e meio ambiente, IPUF, de Finanças...
  - Instituições estaduais e federais que disponham de publicações sobre Florianópolis, Casan...
  - Prefeitura, Setur, Comcap
  - Outras instituições: TV's, jornais...
3. os alunos deverão elaborar e realizar entrevistas:
  - com especialistas na área da Geografia e História

## BIBLIOGRAFIA PARA O PROFESSOR

### 1.1. Livros.

- ALMEIDA, Rosângela D. de e PASSINI, Elza Y. **O espaço geográfico: ensino e representação**, São Paulo, Ed Contexto, 1989.
- ANDRADE, Manoel Correia de. **Geografia, ciência da sociedade: uma introdução a análise do pensamento geográfico**, São Paulo, Atlas, 1987.
- . **Uma geografia para o século XXI**, Campinas, Papirus, 1994.
- . **Caminhos e descaminhos da Geografia**, Campinas, Papirus, 1989.
- . **Elisée Reclus**, Col. Grandes Pensadores, São Paulo, Ática, 1985.
- BRABANT, Jean-Michel. **Crise da Geografia, crise da escola**. IN: **Para onde vai o ensino de Geografia?**, São Paulo, Contexto, 1989.
- CHARLES, C. M. **Piaget ao alcance dos professores**, Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1975.
- FERRAZ, Cláudio B. Oliveira. **Crise na renovação da Geografia: angústia e a relação teoria/prática**. IN: **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, AGB, s/d.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**, Rio de Janeiro, Edições Graal, 3ª ed, 1989.
- LACOSTE, Yves. **A Geografia serve, antes, para fazer a guerra**, Campinas, São Paulo, Papirus, 1988.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. **Renovação da Geografia e filosofia da educação**. IN: **Para onde vai o ensino de Geografia?**, São Paulo, Contexto, 1989.
- . **Geografia: pequena história crítica**, 2ª ed, São Paulo, HUCITEC, 1983.
- . **A gênese da Geografia moderna**, HUCITEC/Edusp, São Paulo, 1989.
- MOREIRA, Rui. **Assim se passaram dez anos ( a renovação da Geografia no Brasil 1978-1988)**. IN: **Caderno Prudentino de Geografia**, nº 14, AGB, Presidente Prudente, São Paulo, s/d.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Educação e ensino de Geografia na realidade brasileira**. IN: **Para onde vai o ensino de Geografia?**, São Paulo, Contexto, 1989.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vigotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo histórico**, São Paulo, Scipione, s/d.
- PEREIRA, Raquel Maria Fontes do Amaral. **Da Geografia que se ensina à gênese da Geografia moderna**, Florianópolis, Santa Catarina, Ed da UFSC, 1989.
- RESENDE, Marcia Spier. **A Geografia do aluno trabalhador: caminhos para uma prática de ensino**, São Paulo, Edições Loyola, 1986.
- RUA, João. **Em busca da autonomia e da construção do conhecimento: o professor de Geografia e o livro didático**, São Paulo, FFLCH, USP, Departamento de Geografia, Dissertação de Mestrado, 1992.
- VESENTINI, José William et alli. **Geografia e ensino: textos críticos**, Campinas, Papirus, 1989. VESENTINI, José William. **Para uma Geografia crítica na escola**, São Paulo, Ed Ática, 1992.
- . **Geografia: natureza e sociedade**, São Paulo, Contexto, 1989. VLACH, Vânia. **Geografia em construção**, Belo Horizonte, Ed Lê, 1991.
- . **Ideologia e nacionalismo patriótico**. IN: **Para onde vai o ensino de Geografia?**, São Paulo, Contexto, 1989.